

# OS PATRONOS

## ANTONIO BEZERRA

O amor de Antônio Bezerra à terra que lhe serviu de berço, amor de amante nunca satisfeito, incansavelmente apaixonado, amor que manifestou sempre e confessou freqüentemente, amor que era como uma constante da sua alma fiel e dedicada, levou-o a demorados, profundos, zelosos estudos sobre tudo o que disse respeito ao Ceará, nada deixando escapar ao seu raio de interesse, pois tudo daqui lhe despertou sempre atenção especial — o homem, a paisagem, a geografia, os costumes, até o folclore o seduziu: não deixou nunca inexplorado nenhum aspecto, nem a flora, nem a fauna, nem a mineralogia.

No capítulo do estudo das origens do Ceará, começando pela preocupação com que investiga a razão do nome, tornou-se mais minuciosa a sua pesquisa, em que gastou alguns lustros consultou velhos livros, assentamentos de igrejas, freqüentou sacristias, conviveu com alfarrábios — possíveis guardadores dos segredos que perseguia — esmiuçou arquivos, fez-se íntimo de regimentos e recomendações e cartas régias, reuniu escritos dos primeiros governadores da província, editais, requerimentos do povo aos capitães-mores, patentes concedidas a índios, nomeações, registros de portaria, convites, convocações, ordens de suspensão de direitos, escrituras, autos de posse, provisões, divisões de freguesias, atestações.

E trabalhou constantemente, num despojamento total de interesses pessoais, num regime de dedicação exclusiva aos estudos que o fascinavam — e embora nem fosse boa a sua saúde, a vontade de conhecer bem o país natal era muito mais forte do que as ocasionais fragilidades orgânicas. E dono e senhor do assunto, explorando, tão sãbiamente o tema da sua

preferência, dissipa dúvidas, procura restabelecer a verdade, apaga pontos equívocos, sempre apoiado em provas irrefutáveis, em conhecimentos que o credenciaram e credenciam ainda e o impuseram definitivamente ao respeito, ao agradecimento e à admiração dos seus conterrâneos.

É assim que destrói fábulas e erros e tradições falsas, versões lendárias que já corriam mundo — e como resultado válido de tanta dedicação, como consequência positiva dessa penetração pelos difíceis caminhos do passado — realiza um excelente, lúcido trabalho de História, presta um grande serviço à sua terra e à sua gente, reúne tudo, finalmente, num livro delicioso a que deu o título de *Algumas Origens do Ceará*, e em que se sente palpável, constante, a preocupação do autor em procura do que é realmente certo, com a inseparável honestidade intelectual presidindo sempre seus gestos de investigação.

É uma beleza percorrer todo este passado, ouvir (é como se a gente ouvisse a voz do autor), ouvir história tão real, tão rica de força épica e de conteúdo humano, de lances fantásticos, de heroísmo e de penas e de lutas e vitórias e quedas, ao qual passado não faltam as guerras das hordas indígenas, as guerras primeiras, bárbaras, em que surgem de repente inesperados aspectos de impressionante grandeza.

A exploração do território vem narrada assim como num rotreiro cinematográfico, despertando crescente interesse, que vai pouco a pouco contagiando o leitor, até a paixão, sem prejuízo, entretendo, do plano de interpretação histórica. Vai-se penetrando num mundo fabuloso, vendo terras que se vão povoando quase misteriosamente, exploradas pelos pioneiros, desbravadas corajosamente por aquêles que obtinham sesmarias

Vai-se a gente familiarizando com nomes de capitães-mores, de patriarcas portugueses, de índios, colonos, missionários — e é tão bem levantado o quadro da época, é tão bem reconstituída a paisagem, que se testemunha com comovida atenção o erguer de igrejas, o plantar de cruzes por força da fé, as cadeias para os primeiros faltosos, as raras escolas, todos os elementos, enfim, que configuram os arruamentos, as vilas, as sementes das futuras cidades.

Neste livro *Algumas Origens do Ceará*, o autor não se limita a apontar algumas falhas daqueles que o precederam no estudo do mesmo assunto, não se conforma com a simples alusão aos documentos: transcreve-os, ao mesmo tempo que nos vai devolvendo a beleza vocabular da época e o rebuscado ver-

bal acaso tínhamos olvidado, que deixáramos nos longos dos primeiros estudos literários, nas incursões primeiras pela História, e que ressalta de quando em quando dêsses documentos.

Antônio Bezerra, convém lembrar, foi dos primeiros, entre nós, talvez o único que no seu tempo orientou seus trabalhos no sentido científico, fêz realmente estudo de História na acepção mais atual da palavra, não ficando apenas a coligir dados episódios e datas, não ficando na simples enumeração de acontecimentos, nem demorando apenas nos estreitos limites da narrativa pura e simples, nos moldes clássicos, em que a cronologia e a narração bastavam: fêz interpretação histórica, avançou em profundidade e em extensão para explicar casos e coisas e fatos, invocou motivos de ordem econômica, empreendeu o estudo de causas e concausas e conseqüências imediatas e remotas, num legítimo trabalho de História analisada, interpretada, de História crítica.

Bem nascido, filho de doutor, neto de tenente-coronel, bisneto de coronel pelo lado paterno e, pelo lado materno, vindo também um avô tenente-coronel, dos Albuquerque Lins de Pernambuco, não cuidou de dormir nas fáceis brilhaturas do estudo da sua genealogia, nem no bom-viver do filho-família: juntou-se ao seu povo, fêz-se seu porta-voz, defensor compulsório em tôdas as grandes causas, advogado dos fracos, dos injustiçados, dos escravos principalmente, que tiveram no ilustre Patrono que tenho na Academia Cearense de Letras um incansável lutador apoiado no *slogan* que êle próprio estabeleceu de «libertar os escravos por todos os meios», acrescentando «todos por um e um por todos» — fórmula mágica jurada pelos adeptos da causa, numa sucessão de alto sentido democrático, muito ao gôste da época, realizada na «Sociedade Cearense Libertadora».

Milton Dias